

Recebido em: 24-06-2022

Acesso em: 11-09-2023

**Memória, identidade e mediação cultural:**  
um descortinar da atuação do bibliotecário a partir das percepções freireanas

Ana Claudia Medeiros de Sousa<sup>1</sup>  
Raquel do Rosário Santos<sup>2</sup>  
Ingrid Paixão de Jesus<sup>3</sup>  
Gleice Pereira dos Santos<sup>4</sup>  
Tamiris Barros Silva<sup>5</sup>

**Resumo:** O objetivo deste estudo foi evidenciar os possíveis entrelaçamentos dos conceitos de mediação cultural, memória e identidade e relacioná-los aos pensamentos freireanos, contextualizando-os na ambiência da biblioteca. Quanto à **metodologia**, trata-se de uma pesquisa descritiva que utilizou a abordagem qualitativa e método bibliográfico, o que favoreceu o desenvolvimento de reflexões e discussões sobre os elementos que permeiam as práticas culturais e a constituição identitária e memorialística. Entre os principais **resultados**, destaca-se a inter-relação da mediação cultural, da memória e da identidade, visto que, essas práticas convergem e se manifestam no âmbito social e na constituição do contexto em que os sujeitos se encontram inseridos, com foco neste artigo para as práticas realizadas pelos bibliotecários desenvolvidas na biblioteca. Constatou-se ainda neste estudo que evocar traços da memória e da identidade de um povo pode favorecer que bibliotecários e usuários se ressignifiquem e busquem em seu agir, interferir de maneira consciente no seu contexto sociocultural, para e com o outro. Assim, ao refletirem sobre essas temáticas, fundamentadas nos pensamentos freireanos, os mediadores e pesquisadores podem alcançar uma postura humanizadora e consciente de modo a atuarem e fortalecerem os processos informacionais.

**Palavras-Chave:** Memória. Identidade. Mediação cultural. Paulo Freire. Biblioteca.

## 1 INTRODUÇÃO

A mediação cultural pode ser entendida como a realização de atividades que buscam tornar visíveis os aspectos constituintes da cultura de dado contexto social, de maneira que leve os sujeitos a alcançarem uma conduta consciente no meio, para assim, se apropriarem dos dispositivos informacionais que integram seu entorno, que em alguns casos, são carregados de valores simbólicos e representativos da memória e da identidade de um povo.

<sup>1</sup> Universidade Federal da Bahia. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5478-1813>

<sup>2</sup> Universidade Federal da Bahia. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1469-0765>

<sup>3</sup> Universidade Federal da Bahia. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-8301-3728>

<sup>4</sup> Universidade Federal da Bahia. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7794-5932>

<sup>5</sup> Universidade Federal da Bahia. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2023-4798>

Nesse sentido, o termo dispositivo informacional é refletido com base nos estudos de Pieruccini (2007), que o entende como “[...] um signo, um mecanismo de intervenção sobre o real, que atua por meio de formas de organização estruturada, utilizando-se de recursos materiais, tecnológicos, simbólicos e relacionais [...]” A partir da reflexão da autora, nesta pesquisa compreende-se os dispositivos informacionais como o ambiente de informação, por exemplo, a biblioteca, como também os recursos que integram tais ambientes, visto que interferem no agir dos sujeitos, pois como também reflete Pieruccini (2007), tais dispositivos informacionais podem interferir de maneira simbólica, modificando as estruturas cognitivas e sociais com as quais os sujeitos se relacionam no mundo.

A memória é compreendida como capacidade neural e como fenômeno social. Por meio dela, indivíduos e grupos sociais se reconhecem em dispositivos, acontecimentos, manifestações, etc., que são referenciadores do passado que os constituem. Nesse sentido, a memória é entrelaçada à construção da identidade, pois “Não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade.” (Candau, 2012, p. 19). Com isso, os dispositivos informacionais devem ser mediados de maneira que apoiem o sujeito no processo de apropriação dos bens culturais que são carregados de indícios de memória e identidade. Assim, reflete-se sobre a importância dos bibliotecários considerarem os traços identitários dos usuários, a fim de que esses sujeitos compreendam o valor simbólico dos recursos informacionais que integram o acervo da biblioteca, das ações realizadas e do próprio ambiente físico da biblioteca, que apoiam o desenvolvimento de um sentimento de pertencimento por parte dos usuários.

Diante do exposto, este texto teve como objetivo evidenciar os possíveis entrelaçamentos dos conceitos de mediação cultural, memória e identidade e relacioná-los aos pensamentos freireanos, contextualizando-os na ambiência da biblioteca. Nessa perspectiva, o texto pauta-se na análise da obra *Ação Cultural para a Liberdade: e outros escritos*, publicada em 1981.

Quanto ao delineamento metodológico, esta pesquisa se caracteriza como descritiva, que tem no método bibliográfico a fundamentação para desenvolver reflexões e discussões com base na literatura da Ciência da Informação. Dessa maneira, a partir do levantamento bibliográfico em bases de dados nacionais, a exemplo da Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI); Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Portal da Capes); Anais do Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em

Ciência da Informação (ENANCIB); entre outras fontes de informação, identificou-se textos que tratam sobre a memória, identidade e mediação cultural, associando esses temas.

A partir dessa identificação, buscou-se selecionar os textos que tratam da base conceitual dos temas acima mencionados e possuem alguma aproximação temática e discursiva com as reflexões apresentadas por Paulo Freire, especialmente no texto *Ação Cultural para a Liberdade: e outros escritos*, publicado em 1981. Assim, por meio da abordagem qualitativa buscou-se uma interpretação dos textos que tratam de memória e identidade que podem evidenciar os elementos norteadores do processo de mediação cultural apoiando o avanço de reflexões sobre o tema em questão.

## **2 CONVERGÊNCIAS ENTRE A MEDIAÇÃO CULTURAL, A MEMÓRIA E A IDENTIDADE NA AMBIÊNCIA DA BIBLIOTECA**

A mediação está relacionada às várias atividades profissionais, de diferentes áreas do conhecimento, e implica o processo de interação que os sujeitos desenvolvem no sentido de alcançarem o cumprimento de seu objetivo. Dessa maneira, na Religião, Educação, Psicologia, Direito e em outras áreas do conhecimento tem sido discutida a atuação do agente e dos dispositivos mediadores. Assim, os pesquisadores e os profissionais do campo da Ciência da Informação também têm se dedicado para compreender os processos que envolvem a mediação da informação, a mediação da cultura e a mediação da leitura.

Nesta pesquisa, será focalizada a mediação da cultura e as convergências com a constituição memorialista e identitária que permeia a formação sociocultural dos sujeitos e sua relação com o mundo. As interações que os sujeitos estabelecem com o meio podem ser impulsionadas pelas atividades mediadoras, como as que são realizadas no ambiente da biblioteca, o que possibilita a atribuição de sentidos e significados tanto na busca que esse sujeito realiza na movência de sua vida quanto da relação que se constrói a partir das interferências das atividades mediadoras. Assim, é possível compreender que as interações sociais podem apoiar o fortalecimento dos aspectos relacionados ao processo de pertencimento, favorecendo que o sujeito social identifique e possa agir em favor do compartilhamento de saberes que foram adquiridos em suas experiências e relações sociais, entre essas, a apropriação que se alcança dos dispositivos informacionais e culturais.

Nessa perspectiva, a realização de ações culturais podem favorecer o fortalecimento de traços identitários de indivíduos e de grupos sociais. Em consonância com essa afirmativa, Rasteli (2021, p. 120) defende que:

A noção de mediação cultural refere-se a um esquema triangular no processo de apropriação cultural em que é necessária a presença do mediador (bibliotecário) para sanar as tensões sentidas entre os elementos da cultura e o público, o que pode gerar uma situação de intervenção, intercâmbio, compartilhamento e meios de interpretação.

A partir do entendimento de Rasteli (2021), pode-se compreender que o bibliotecário é um agente mediador fundamental na realização de atividades que visam descortinar os elementos constituintes da cultura dos sujeitos, de maneira a alcançar uma conduta problematizadora do mundo, ou seja, questionando as práticas socioculturais que modificam a estrutura e interfere na conduta dos sujeitos. Assim, os sujeitos passam a refletir sobre tais dinâmicas, sendo agentes da ação, o que favorece uma postura de busca por mais informações para uma condução crítica e reflexiva que baseiam suas ações e conduzem para a apropriação dos dispositivos que fazem parte da memória individual e coletiva.

Para os autores Lima e Perrotti (2016, p. 162) a mediação cultural “[...] pode ser entendida como um termo mais amplo que, em nosso entendimento engloba a mediação da informação, por ser a informação um objeto cultural [...]” A partir dessa reflexão, é possível afirmar que o processo de mediação cultural envolve a apresentação e utilização de dispositivos informacionais que ao serem apropriados ampliam o repertório cultural e de conhecimento e podem contribuir para a ressignificação das práticas culturais. Desse modo, a mediação cultural pode ser compreendida como uma ação de interferência que visa à apropriação da informação, em especial aquelas que integram o repertório cultural e evidenciam a constituição identitária dos sujeitos.

Conforme Perrotti e Pieruccini (2014, p. 8-9), a mediação cultural pode ser entendida como um “[...] conjunto de elementos de diferentes ordens (material, relacional, semiológica) que se interpõem e atuam nos processos de significação.” Os autores também salientam que se trata de uma “[...] ação portadora de sentidos próprios que estão em relação com sentidos incrustados tanto nos objetos, como nos sujeitos culturais e seus respectivos contextos.” Essa reflexão pode ser aproximada dos conceitos defendidos por Candau (2012) sobre a protomemória e a metamemória, sendo a primeira, a protomemória, ‘imperceptível’, o sujeito atua sem uma tomada de consciência, por outro lado, o autor também defende a existência da metamemória que pode ser entendida como

uma representação própria da memória realizada pelos indivíduos, em que torna-se evidente “[...] o conhecimento que tem dela e, de outro, o que diz dela, dimensões que remetem ao ‘modo de afiliação de um indivíduo a seu passado’.” (Candau, 2012, p. 23). Assim, no processo de mediação cultural o bibliotecário pode realizar ações conscientes que apoiem tanto uma autoreflexão quanto uma conduta que o distancie de uma relação com ‘sentidos incrustados’, visto que ao tomar essa consciência poderá interferir na formação de outros sujeitos, aproximando do que refletem Perrotti e Pieruccini (2014), ou seja, possibilita um acionamento de percepções sobre os valores culturais que permeiam as práticas, os dispositivos que estão presentes nas condutas dos sujeitos culturais e a ampliação da possibilidade do ato de conhecer os seus contextos socioculturais.

Neste sentido, ressalta-se a necessidade do bibliotecário atuar de maneira consciente quanto à sua função social, tendo conhecimento sobre os elementos culturais que permeiam os espaços sociais dos sujeitos que participam das atividades mediadoras, como por exemplo os traços identitários e memorialísticos. Para Sousa, Santos e Jesus (2020, p. 2), “A mediação cultural tem o intuito de fomentar as manifestações presentes no contexto social em que os sujeitos estão inseridos.” A partir da concepção apresentada por essas autoras, pode-se dizer que, as atividades mediadoras podem contribuir para o fortalecimento dos traços culturais e identitários de um povo, compreendendo que ao ampliar o repertório informacional, os sujeitos passam a ter um conhecimento sobre os referenciais de memória e de identidade que compõem seu ambiente e o contexto sociocultural do outro, o qual pode alcançar uma relação de alteridade, que estão presentes e relacionadas à mediação cultural, a partir de uma construção individual e social.

Diante do exposto, pode-se exemplificar que o bibliotecário ao realizar o processo de organização temática e descritiva dos recursos informacionais que estão presentes no acervo, considerando que o conjunto de termos que representam tais materiais também sejam representativos do povo que estão associados a produção desses dispositivos, podem auxiliar na realização de outras atividades mediadoras, como quando se realiza a visita técnica em que a lógica de organização do acervo é apresentada aos sujeitos e esses podem se sentir representados e contribuir com o desenvolvimento das atividades realizadas na biblioteca. Tal conduta também pode apoiar a realização de atividades que envolvem a leitura e a formação de leitores, em que em seu planejamento, os recursos informacionais e os conteúdos podem ser melhor selecionados segundo o perfil dos sujeitos que participarão da atividade. Essas, entre outras ações, podem favorecer que os sujeitos sintam-se acolhidos, respeitados e (re)conhecidos na biblioteca e pelos



agentes mediadores que nela atuam, quando as ações consideram, dentre outros fatores, os aspectos de memória e identidade.

Halbwachs (2006) destaca que a memória possui caráter coletivo, visto que ela se constitui por meio dos compartilhamentos realizados entre os diferentes sujeitos. Desse modo, a memória coletiva contribui para o processo de desenvolvimento de sentimento de pertença por parte do indivíduo, entendendo que as interações coletivas que integram os diferentes sujeitos, com sua visão de mundo, estão associadas aos elementos presentes na preservação e na construção memorialística.

De acordo com Sousa, Sá e Bufrem (2020, p. 620)

A memória pode ser concebida como sinônimo de recordação ou de representação, como forma de preservar um ato passado, imagens vistas ou falas ouvidas. Estes podem estar associados a contextos individuais ou coletivos, nos quais as memórias se referem não apenas ao sujeito em si, mas ao grupo ou espaço em que ele está inserido.

Desse modo, a interação dos sujeitos favorece o compartilhamento e o fortalecimento das memórias individuais e coletivas, preservando e disseminando as práticas culturais e identitárias de uma determinada sociedade. Diante disso, reitera-se a relevância da atuação do bibliotecário, como mediador cultural, em fomentar espaços e disponibilizar dispositivos que favoreçam a ressignificação e apropriação de referenciais de memória.

Para Pinho e Nascimento (2017, p. 43), a “[...] memória individual traz em sua constituição a complexidade das interações sociais experienciadas pelo sujeito, enquanto a memória coletiva se apoia na memória individual influenciando sua produção de forma a estabelecer uma relação simbiótica.” Portanto, é possível afirmar que a memória está associada à necessidade de produzir e preservar referenciais que estão alinhados a formação do sujeito em sua individualidade, ou seja, integra e contribui para seu modo de ser e se relacionar com o mundo, ao mesmo tempo que esse sujeito interfere e soma-se a outros que juntos produzem e elegem, por meio de acordos sociais, bens culturais que constituem a memória e a identidade coletiva. Entre esses bens culturais que se expressam através das narrativas orais, dos dispositivos escritos e imagéticos, que ao ser atribuído um sentido, podem ser associados, ou individualmente acionados, de modo a favorecer a evocação de informações que ultrapassam o tempo e o espaço, em que as diferentes gerações puderam e poderão ter acesso aos saberes que constituem a memória de si e do povo.

É válido ressaltar o que a literatura científica destaca quanto ao conceito de identidade está vinculado ao de memória, uma vez que autores como Candau (2012), Pollak (1992), Catroga (2001)

afirmam que elas são indissociáveis. Dubar (1997, p.8) afirma que identidade “[...] não é aquilo que permanece necessariamente ‘idêntico’, mas o resultado duma ‘identificação’ contingente.” Compreende, portanto, que a identidade possui caráter individual, contudo, a influência coletiva contribui para a sua constituição e ressignificação.

Refletindo sobre a concepção apresentada pelo autor, compreende-se que se faz necessário o encontro entre os sujeitos, em um processo de (re)conhecimento das diferenças e das aproximações que permeiam as práticas culturais, no compartilhamento de saberes e na constituição identitária dos sujeitos. Nessa conjuntura, é possível afirmar que a identidade não se constitui somente por meio das vivências individuais, ou seja, as interações sociais também proporcionam o compartilhamento de experiências e saberes. Assim, cada sujeito pode interferir com a visão de mundo do outro, seja de forma direta ou indireta.

Evidencia-se, portanto, a relação estabelecida entre a mediação cultural, a memória e a identidade, visto que elas convergem nas relações sociais e na constituição do contexto em que os sujeitos se encontram inseridos. É válido salientar a importância das práticas de mediação cultural na ambiência da biblioteca para o processo de apropriação das informações, bem como as interações dos sujeitos com o coletivo, de maneira a contribuir na constituição e no fortalecimento identitário e memorialístico dos sujeitos. Dessa maneira, ao buscar refletir sobre sua relação com o mundo e com o outro, em um processo de conscientização, o sujeito pode alcançar um estado de liberdade, tal como é defendido por Paulo Freire (1981), que vindica uma ação mediadora pautada em uma conduta protagonista e humanizadora.

### **3 INDÍCIOS DE APROXIMAÇÃO DE ASPECTOS IDENTITÁRIOS E MEMORIALÍSTICOS COM AS REFLEXÕES FREIREANAS:** uma análise sobre as possibilidades de ressignificação no agir do bibliotecário

A obra *Ação Cultural para a Liberdade: e outros escritos*, publicada em 1981, inicialmente trata sobre a importância do ato de estudar e o quão essencial é essa formação na construção do indivíduo, além do seu reflexo nas práticas sociais. “A atitude crítica no estudo é a mesma que deve ser tomada diante do mundo, da realidade, da existência. Uma atitude de adentramento com a qual se vá alcançando a razão de ser dos fatos cada vez mais lucidamente.” (Freire, 1981, p. 9). Essa atitude crítica, a qual indica Paulo Freire (1981) pode contribuir para que o sujeito possa reconhecer os aspectos identitários e memorialísticos de sua cultura, atuando em uma perspectiva crítica, não

de submissão ao que é imposto, mas, de modo a desenvolver um sentimento de pertencimento, reivindicando a liberdade de expressar-se e sentir-se parte da comunidade e de suas práticas socioculturais.

Freire (1981) aborda sobre a alfabetização de adultos, delineando enfaticamente o processo conscientizador para a formação dos sujeitos sociais. Além disto, a “expressividade” é um dos pontos abordados no livro e como esse procedimento influencia na transformação e compreensão, focando o despertar do senso crítico.

Este modo de tratar os adultos analfabetos implica uma deformada maneira de vê-los – como se eles fossem totalmente diferentes dos demais. Não se lhes reconhece a experiência existencial bem como o acúmulo de conhecimentos que esta experiência lhes deu e continua dando. (Freire, 1981, p. 12).

Ao realizar uma aproximação com o processo de alfabetização, como uma formação que vai além do vínculo com uma instituição de ensino, do estar em uma condição de aprendizagem formal e formadora, a alfabetização defendida por Paulo Freire (1981) pode ser interpretada como um processo de desenvolvimento crítico e criativo que se vale do movimento e de relação com o *outro* para o alcance de uma visão e atuação cada vez mais consciente do sujeito no mundo, em que as interferências desse contexto são refletidas e busca-se uma criticidade nesse processo. O “estudar”, conforme Paulo Freire não se restringe ao domínio da escrita, mas a busca pelo aprender a perceber a relação que o contexto sociocultural interfere nas ações dos sujeitos e como esse sujeito também posiciona-se nesse contexto, não sendo passivo ao seu domínio, antes reivindicando a possibilidade de agir com o outro nesse processo de construção social. “Alfabetizar-se”, portanto, implica a ação transformadora que se dá constantemente no aprender a relacionar-se com o outro e com o meio em que o sujeito está inserido. Portanto, a ação mediadora realizada pelo bibliotecário deve considerar a diversidade de recursos informacionais e de práticas a fim de incluir os sujeitos em sua diversidade, atentos a história de vida de cada sujeito e a singularidade de cada um em seu processo de aprendizagem e modo com que se relaciona no acesso à informação, de maneira a romper as barreiras que impedem os sujeitos de posicionar-se criticamente, considerando o ato de expressar-se no mundo e apresentar-se como conhecedor de um repertório carregado de valor simbólico.

O processo de alfabetização defendido por Paulo Freire (1981), pode ser refletido como a possibilidade de o sujeito ampliar as formas de expressão para comunicar, produzir e partilhar com o outro seus saberes. Dessa maneira, pode-se entender a defesa de Paulo Freire ao refletir sobre a



alfabetização bancária como um processo inibidor do comportamento criativo e reflexivo dos sujeitos.

Diante do exposto, existem as mais diversas possibilidades de o sujeito expressar-se, por meio da música, da dança, da culinária etc., manifestações que possibilitam compartilhar a memória individual, quando expressa-se dores, angústias, alegrias, entre outras sensações e sentimentos. Tais expressões devem ser consideradas pelos bibliotecários e compor a dinâmica das práticas realizadas na biblioteca, de modo a permitir um ato de resistência ao apagamento da informação que foi compartilhada pelos ancestrais, em que é vivenciada e ressignificada em atos que nem sempre são conscientes, mas que possuem uma intencionalidade.

Assim, cabe ao bibliotecário, como mediador cultural, atuar para o desenvolvimento dessas práticas de modo consciente, a fim de revelar uma conduta de resistência, de pertencimento e de expressão de sensações e de sentimentos alinhados à percepção de mundo constituídas na individualidade que compõe a coletividade, conforme defendem Pinho e Nascimento (2017), ao afirmarem que a memória coletiva se apoia na memória individual.

Enquanto o ser que simplesmente vive não é capaz de refletir sobre si mesmo e saber-se vivendo no mundo, o sujeito existente reflete sobre sua vida, no domínio mesmo da existência e se pergunta em torno de suas relações com o mundo. O domínio da existência é o domínio do trabalho, da cultura, da história, dos valores – domínio em que os seres humanos experimentam a dialética entre determinação e liberdade. (Freire, 1981, p. 53)

A conduta dialética entre “manter-se” e “libertar-se” no domínio do trabalho e dos valores, pode ser exemplificada na produção de um prato típico, como o acarajé - integrante da culinária baiana - pode compor uma forma de subsistência de muitos que em seu cotidiano não se atentam que esse trabalho alcança o valor de evocar indícios de memória do povo africano. Esses vendedores de acarajé, em vários pontos, por exemplo, da cidade de Salvador, estão vivendo e lutando pela condição de existência digna. Entretanto, esses e essas, estão reivindicando o direito de expressar-se, de evocar a cultura que se ressignifica nos pratos típicos que rememora a conduta de um povo que mesmo em um de processo de colonização, preservou seu modo de reviver a prática religiosa.

Como esse exemplo, tantos outros, como: o artista que talha em uma madeira expressões da realidade; a senhora que produz a panela de barro e as crianças que brincam de roda, todos e todas resistem ao apagamento de uma memória coletiva. Portanto, é preciso conhecer a memória, pois

como julga Candau (2012) ela subsidia o modo de afiliação de um sujeito com o passado. Assim, o papel social do bibliotecário ganha ainda mais significação quando for provocado e provoca nos demais sujeitos o entendimento da memória individual e coletiva e o entrelaçamento dessas no domínio da existência, do trabalho, da cultura, da história e dos valores.

Vale ainda destacar que quando os sujeitos “simplesmente vivem”, ou seja, integram esses domínios de maneira inconsciente, afastam-se da possibilidade de um entendimento crítico da realidade que faz desses sujeitos multiplicadores de um saber. Dessa maneira, pode-se afirmar que o entendimento crítico favorece um processo de interferência da realidade, portanto, da cultura, visto que para Freire (1981, p. 27) o “Mundo da cultura e da história que, criado por eles, sobre eles se volta, condicionando-os. Isto é o que explica a cultura como produto, capaz ao mesmo tempo de condicionar seu criador.” O entendimento de cultura como produto e o de ‘memória como representação’ (Sousa; Sá; Bufrem, 2020), pode provocar nos bibliotecários a reflexão sobre a interferência no meio como um processo recíproco, ou seja, a dinamicidade da cultura e da memória influenciam e são influenciadas pelas condutas dos sujeitos que participam da ação mediadora. Diante disso, entende-se que o meio interfere na experiência existencial do sujeito e esse no meio, assim, reitera o agir do bibliotecário que pode ser determinante para que os sujeitos possam alcançar uma visão crítica do mundo e, com isso, ter atitudes conscientes de sua interferência nas práticas culturais que permeiam seu cotidiano.

Finalmente, a ação cultural como a entendemos não pode, de um lado, sobrepor-se à visão do mundo dos camponeses e invadi-los culturalmente; de outro, adaptar-se a ela. Pelo contrário, a tarefa que ela coloca ao educador é a de, partindo daquela visão, tomada como um problema, exercer, com os camponeses, uma volta crítica sobre ela, de que resulte sua inserção, cada vez mais lúcida, na realidade em transformação. (Freire, 1981, p. 30).

A partir da reflexão apresentada por Paulo Freire (1981), entende-se que as atividades de mediação realizadas na ambiência da biblioteca, como um processo de interferência, ampliam a possibilidade de expressão das diversas coletividades, ou seja, problematiza e resiste a um processo colonizador das práticas culturais, herdadas de atitudes colonizadoras, que censuram e marginalizam expressões ditas populares. Dessa maneira, o bibliotecário - mediador cultural - consciente não age no processo de imposição de uma prática hegemônica, mas possibilita que a pluralidade ocorra e que os diferentes grupos sociais se sintam representados e integrantes do processo. Assim, o bibliotecário atuará no propósito defendido por Sousa, Santos e Jesus (2020), ao fomentar as manifestações presentes no contexto social em que os sujeitos estão inseridos.

Paulo Freire (1981) defende que o processo de ensino-aprendizagem seja um ato que apoie a conscientização dos sujeitos, tanto sobre si quanto das práticas socioculturais que lhes influenciam. “A consciência crítica dos oprimidos significa, pois, consciência de si, enquanto ‘classe para si’.” (Freire, 1981, p. 40). A expressão “consciência de si” se aproxima da concepção de “constituição identitária”, em que o bibliotecário pode apoiar o sujeito a reconhecer seus traços identitários, e isso pode ocorrer a partir de uma reflexão sobre a consciência de si. Com esse processo de análise da sua constituição enquanto sujeito sociocultural, tanto os bibliotecários quanto os demais sujeitos envolvidos nas atividades mediadoras poderão compreender e atuar para o alcance da liberdade, em uma ação “transformadora sobre o mundo” conforme defende Paulo Freire (1981).

Com o objetivo de desenvolver uma postura “transformadora sobre o mundo”, os bibliotecários e demais sujeitos que participam das atividades mediadoras precisam analisar criticamente os fenômenos, fatos e dispositivos que permeiam os contextos socioculturais, incluindo a ambiência da biblioteca, visto que esses também podem conduzir a um processo de segregação dos sujeitos, uma vez que não alcançam e nem consideram o real significado de tais práticas e dispositivos socioculturais.

Quando Paulo Freire (1981) cita materiais didáticos provenientes da educação bancária, apresenta trechos retirados desses materiais, pontuando de maneira reflexiva, o esvaziamento de conteúdo crítico que inibe o processo formador e atuante do sujeito no mundo, ao afirmar que,

Portanto, se o 1º de maio é um dia feriado e se nos dias feriados o povo deve ir à praia para nadar e bronzear-se, a conclusão insinuada no texto é a de que os trabalhadores, no Dia do Trabalho, devem ir nadar e queimar-se ao sol... A análise destes textos revela, não importa se seus autores são ingênuos ou astutos, a ideologia da classe dominante que tem, na educação por ela posta em prática, um instrumento eficiente para sua reprodução. A asa é da ave Eva viu a uva, o galo canta, o cachorro ladra, são contextos linguísticos que, mecanicamente memorizados e repetidos, esvaziados de seu conteúdo enquanto pensamento-linguagem referido ao mundo, se transformam em meros clichês. (Freire, 1981, p. 38).

No exemplo e na reflexão apresentados por Paulo Freire (1981) existe uma demonstração da ausência de um processo consciente que decorre da utilização da mediação e dos dispositivos pedagógicos para a permanência e a ratificação de uma ideologia dominante, ao mesmo tempo que distancia o desenvolvimento da capacidade crítica dos sujeitos pelo esvaziamento de conteúdo. Ao aproximar essa conduta da esfera da mediação cultural esse resultado pode se replicar, quando o

bibliotecário "ingenuamente" ou de maneira "astuta", pode utilizar os dispositivos e as práticas culturais para uma manutenção ideológica da classe dominadora, afastando os sujeitos não privilegiados de alcançarem a apropriação desse processo e a possibilidade de atuarem efetivamente de maneira consciente. Por outro lado, se espera que os bibliotecários sejam agentes que reflitam sobre o processo de escolha e sejam conduzidos por uma prática humanizadora que tem como norte o alcance da liberdade, atuando com base nos princípios éticos e favorecendo que todos e todas possam se apropriar dos dispositivos informacionais e fenômenos socioculturais de maneira crítica.

Dessa maneira, os bibliotecários e os demais sujeitos devem buscar um processo de adentramento nos dispositivos e no processo de apropriação das práticas culturais, de modo que possam refletir sobre os fatos, os acontecimentos e as histórias de contextos sociais e culturais que resultaram no tempo presente. As atividades e os dispositivos mediadores também devem possibilitar uma liberdade para que os sujeitos se expressem e os transformem, visto que se espera o fortalecimento de um sentimento de pertença o qual conduz para uma ação de interferência sobre os dispositivos e as práticas, com o objetivo de ampliar para si e para outros o sentido de reconhecimento que reflete seus traços identitários e memorialísticos e o ato de uma construção coletiva.

A partir da reflexão de Paulo Freire, pode-se pensar em um processo de apropriação dos dispositivos e das práticas mediadoras por parte dos sujeitos, em que eles podem ser convidados a refletir sobre o contraditório, analisando os fatos e os discursos que legitimam a manutenção da marginalização e dos atributos decorrentes desse processo, vindicando e buscando uma ação que transforme e dê sentido a sua existência e seu lugar no mundo.

Admitindo a existência de homens e mulheres 'fora de', marginais à estrutura da sociedade, parece legítimo perguntar: quem é o autor deste movimento? Será que os chamados marginais, entre eles os analfabetos, tornam a decisão de mover-se até a 'periferia' da sociedade? Se assim é, a marginalidade é uma opção, com tudo o que ela envolve: fome, doença, raquitismo, baixos índices de expectativa de vida, crime, promiscuidade, morte em vida, impossibilidade de ser, desesperança. (Freire, 1981, p. 38).

Assim, as bibliotecas também podem servir ao projeto de fortalecimento de uma constituição identitária em que a busca pelo (re)conhecimento plural, ocorra por meio de um processo inclusivo, de maneira que o bibliotecário subsidie o processo de apropriação em que os

sujeitos se reconheçam diante do mundo e possam perceber as amarras que o sistema dominante impõe, dificultando seu processo de liberdade.

Na medida, porém, em que a introjeção dos valores dos dominadores não é um fenômeno individual mas social e cultural, sua extrojeção, demandando a transformação revolucionária das bases materiais da sociedade, que fazem possível tal fenômeno, implica também numa certa forma de ação cultural. Ação cultural através da qual se enfrenta, culturalmente, a cultura dominante. Os oprimidos precisam expulsar os opressores não apenas enquanto presenças físicas, mas também enquanto sombras míticas, introjetadas neles. A ação cultural e a revolução cultural, em diferentes momentos do processo de libertação, que é permanente, facilitam esta extrojeção. (Freire, 1981, p. 44).

A mediação cultural, tal como reflete Paulo Freire (1981) sobre a ação e revolução cultural, pode ser entendida e desenvolvida para apoiar os sujeitos na tomada de posição frente ao direito de expressar-se e expressar o mundo que integra, de criar e recriar dispositivos informacionais e de optar por adentrar em diferentes realidades que diferem do seu cotidiano, diminuindo os efeitos de uma cultura do silenciamento para aqueles que estão “fora do centro”, ou seja, aqueles que encontram-se em uma condição de subalternidade. Conduta que se aproxima da defesa realizada por Rasteli (2021) quando reflete que a mediação cultural, ao apoiar o processo de apropriação cultural, que ocorre por meio da interferência, intercâmbio, compartilhamento e meios de interpretação, atua sobre as tensões existentes entre os elementos da cultura e o sujeito.

Nesta conjuntura, pode-se inferir, por meio das reflexões freireanas que, compreender e buscar uma conduta dialógica, em que os sujeitos possam se expressar e se sentir pertencente, de modo que o contraponto possa ocorrer, na busca de uma postura crítica da sua realidade, como também dos demais sujeitos, favorece a ressignificação do agir no mundo em que sejam refletidas a constituição identitária desses sujeitos. Ao tomar consciência do processo, os sujeitos podem ser conduzidos ao questionamento e à busca por informações que fundamentam suas atividades, fortalecendo uma postura protagonista diante do mundo. Desse modo, as implicações sociais geradoras da busca pelos dispositivos e atividades mediadoras podem ser refletidas e conduzidas de maneira consciente a fim de contribuir para o fortalecimento cultural, memorialístico e identitário dos sujeitos.

Ao entender a memória como um fenômeno social, ratifica-se a importância do processo dialógico em que a busca pelo domínio da linguagem também espelha um processo consciente de formação que busca um entendimento dos dispositivos simbólicos que permeiam o contexto



sociocultural dos sujeitos. Vale enfatizar a reflexão, apresentada anteriormente, de Paulo Freire (1981) quando afirma a possibilidade de os dispositivos de aprendizagem não serem mediados de maneira mecânica e esvaziados de sentido. Esse pensamento deve fundamentar as atividades mediadoras desenvolvidas na ambiência da biblioteca que visam o fortalecimento cultural e a busca pela atribuição de sentidos e significados por parte de todos os sujeitos envolvidos.

## 5 CONSIDERAÇÕES

As tensões sociais, que parecem um “movimento natural” da dinamicidade da vida social, podem ser interpretadas, com base nas reflexões de Paulo Freire, como a prática exercida por grupos dominantes, que visam esvaziar de sentido ações que evocam traços de memória que demonstram a força e o poder transformador de um povo. As práticas socioculturais podem condicionar e implicar uma disputa entre os sujeitos, que os fazem lutar entre si, em um processo que, em alguns casos, os condicionam a fazeres esvaziados de sentido. Nesse contexto, os bibliotecários e demais sujeitos atentos a essa realidade imposta em um processo de colonização e domínio, devem buscar modos de resistir e lutar pela tomada de consciência que evoca a memória de um povo que (re)existe frente às adversidades.

Paulo Freire (1981) nos convida a refletir sobre o “domínio cultural”, que se dá no processo de reflexão da experiência existencial do sujeito no mundo. Deseja-se que esse domínio cultural não seja laços de dominação, mas um processo de apropriação, de domínio, sobre os laços que unem os sujeitos e que integram esses, em uma relação de transformação significativa da sociedade. Assim, evocar traços da memória e da identidade de um povo, a partir de ações mediadoras realizadas em ambientes culturais como as bibliotecas, pode favorecer que os sujeitos se ressignifiquem e busquem em seu agir interferir de maneira consciente no seu contexto sociocultural, para e com o outro.

No campo da ciência que trata da informação, evidencia-se a necessidade de “estudar” e buscar uma condição existencial de interferir e agir sobre as práticas culturais que norteiam a formação do bibliotecário e a interferência desse profissional no coletivo, a partir do entendimento de que a informação é uma instância transformadora e que pode tensionar práticas que legitimam ou ressignificam a cultura. Refletir sobre o agir mediador e sua interferência na constituição da memória e identidade, com base em pensamentos defendidos por Paulo Freire (1981), abre a

possibilidade de ampliar uma postura humanizadora e consciente dos profissionais e pesquisadores que atuam no âmbito dos processos informacionais, como bibliotecários, arquivistas e museólogos.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

CANAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001.

DUBAR, Claude. Identidade, identificações e formas de identidade. In: DUBAR, Claude. **A crise das identidades: a interpretação de uma mutação**. Porto: Edições Afrontamento, 1997. p.8-9.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

LIMA, Celly de Brito; PERROTTI, Edmir. Bibliotecário: um mediador cultural para a apropriação cultural. **Informação@Profissões**, v. 5, n. 2, p. 161-180, 2016. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/60862>. Acesso em: 01 abr. 2022.

PERROTTI, E.; PIERUCCINI, I. A mediação cultural como categoria autônoma. **Informação & Informação**, v. 19, n. 2, p. 1-22, 2014. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/33474>. Acesso em: 09 abr. 2022.

PIERUCCINI, Ivete. Ordem informacional dialógica: mediação como apropriação da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador. **Anais eletrônicos [...]**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2007. Disponível em: <http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/viiienancib/schedConf/presentations>. Acesso em: 23 maio 2022.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 1-15, 1992.

PINHO, Fabio Assis; NASCIMENTO, Francisco Arrais. História, memória e esquecimento no cinema brasileiro: a contribuição da organização da informação na reconstrução da imagem social do personagem homossexual. **Logeion: filosofia da informação**, v. 3, n. 1, p. 43, 2016. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/32689>. Acesso em: 10 jun. 2022.

RASTELI, Alessandro. Em busca de um conceito para a mediação cultural em bibliotecas: contribuições conceituais. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 27, n.3, p. 120, 2021. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/viewFile/103240/61278>. Acesso em: 10 jun. 2022.

SOUSA, Ana Claudia Medeiros de; SANTOS, Raquel do Rosário; JESUS, Ingrid Paixão de. Mediação da cultura, da informação e da leitura para o protagonismo social. **Revista Brasileira de**

**Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 16, p. 2-7, 2020. Disponível em:  
<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1333/1226>. Acesso em: 12 maio 2022.

SOUSA, Ana Lívia Mendes de; SÁ, Paloma Israely Barbosa de; BUFREM, Leilah Santiago.  
Memória e Oralidade: a cantoria de viola e a contação de histórias na Região do Cariri Cearense.  
**Revista Ibero-americana de Ciência da Informação**, Brasília, v. 13, n. 2, p. 619-635, maio/ago.  
2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/28269/26280>. Acesso  
em: 9 jun. 2022.

## **Memory, identity and cultural mediation:**

an unveiling of the librarian's performance from Freire's perceptions

**Abstract:** The **objective** of this study was to highlight the possible intertwining of the concepts of cultural mediation, memory and identity and to relate them to Freire's thoughts, contextualizing them in the ambience of the library. As for the **methodology**, it is a descriptive research that used a qualitative approach and a bibliographic method, which favored the development of reflections and discussions on the elements that permeate cultural practices and the identity and memorial constitution. Among the main **results**, the interrelation of cultural mediation, memory and identity stands out, since these practices converge and manifest themselves in the social sphere and in the constitution of the context in which the subjects are inserted, focusing on this article for the practices carried out by librarians developed in the library. It was also found in this study that evoking traces of the memory and identity of a people can favor librarians and users to re-signify themselves and seek, in their actions, to interfere consciously in their socio-cultural context, for and with the other. Thus, when reflecting on these themes, based on Freire's thoughts, mediators and researchers can achieve a humanizing and conscious posture in order to act and strengthen informational processes.

**Keywords:**Memory. Identity. Cultural mediation. Paulo Freire. Library.